**Fernando Pessoa – Ortónimo**

**O fingimento artístico**

Na perspetiva de Fernando Pessoa, a arte poética resulta da intelectualização das sensações, o que remete para a temática do fingimento poético. Isto significa que, para este poeta, um poema é um produto intelectual e, por isso, não acontece no momento da emoção, mas no momento da sua recordação. Assim, ao não ser um resultado direto da emoção, mas uma construção mental da mesma, a elaboração de um poema define-se como um “fingimento”. Tal significa que o ato poético apenas pode comunicar uma dor fingida, inventada, pois a dor real (sentida) continua apenas com o sujeito, que, através da sua racionalização, a exprime através de palavras, construindo o poema. A dialética sinceridade/fingimento, consciência/inconsciência, sentir/pensar percebe-se também com nitidez ao recorrer ao intersecionismo como tentativa para encontrar a unidade entre a experiencia sensível e a inteligência.

Fingir é inventar, modelar, construir, elaborando mentalmente conceitos que exprimem as emoções ou que quer comunicar – processo criativo desenvolvido pelo poeta.

Em suma, a criação poética constrói-se através da conciliação e permanente interação da oposição razão/sentimento.

**A dor de pensar**

Fernando pessoa sente-se condenado a ser lúcido, a ter de pensar, isto é, considera que o pensamento provoca a dor, teoria que alicerça a temática da “dor de pensar”. Na sequencia da mesma, o poeta inveja aqueles que são inconscientes e que não se despertam para a atividade de pensar, como uma “pobre ceifeira*”,* que “canta como se tivesse mais razões para cantar que a vida”, ou como “gato que brinca na rua” e apenas segue o seu instinto.

Assim, o poeta inveja a felicidade alheia, porque esta é inatingível para ele, uma vez que é baseada em princípios que sente nunca poder alcançar – a inconsciência, a irracionalidade –, uma vez que o pensamento é uma atividade que se apodera de maneira persistente e implacável de pessoa, provocando o sofrimento e condicionando a sua felicidade. Impedido de ser feliz, devido à lucidez, procura a realização do paradoxo de ter uma consciência inconsciente. O poeta deseja ser inconsciente, mas não abdica da sua consciência, pois ao apelar à ceifeira: “poder ser tu, sendo eu!/ Ter a tua alegre inconsciência/ E a consciência disso!”, manifesta a sua vontade de conciliar ideias inconciliáveis.

Em suma, a “dor de pensar” que o autor diz sentir, provém de uma intelectualização das sensações à qual o poeta não pode escapar, como ser consciente e lúcido que é.

**A nostalgia da infância**

Do mundo perdido da infância, Pessoa sente nostalgia. Um profundo desencanto e angústia acompanham o sentido da brevidade da vida e da sua efemeridade, isto é, o tempo é para ele um fator de desagregação na medida em que tudo é breve, tudo é efémero. O tempo apaga tudo. Ao mesmo tempo que gostava de ter a infância das crianças que brincam, sente a saudade de uma ternura que lhe passou ao lado.

Frequentemente, para Fernando Pessoa, o passado é um sonho inútil, pois nada se concretizou, antes se traduziu numa desilusão. Por isso, o constante descrença perante a vida real e de sonho. Daí, também, uma nostalgia do bem perdido, do mundo fantástico da infância, único momento possível de felicidade.

**Síntese das temáticas:**

* Teoria do fingimento poético; sentir/pensar; consciência/inconsciência;
* Intelectualização dos sentimentos 🡪 teoria do fingimento
* Nostalgia da infância – único momento possível de felicidade plena; evocação da infância como símbolo de uma felicidade mítica, imaginaria e perdida (tempo onírico).
* Fragmentação do “eu”; despersonalização; sensação de estranheza, alheamento e desconhecimento em relação a si próprio; indefinição da sua identidade.
* Interseção da realidade objetiva com a realidade mentalmente construída; dicotomia sonho/realidade 🡪 incapacidade de conciliar o que deseja ou idealiza com o que realiza;
* Dor de pensar 🡪 adesão à teoria de que a lucidez, racionalidade e consciência são um entrave à felicidade plena.
* O tédio, a angustia existencial, a solidão interior, a melancolia.
* Teoria do fingimento artístico 🡪 dialética sinceridade/fingimento; o fingimento artístico não impede a sinceridade, apenas implica exprimir intelectualmente as emoções ou o que se quer representar; o poema é um produto intelectual resultante das emoções vividas;
* criar poesia 🡪 conversão das emoções vividas para as emoções fingidas/pensadas.
* Problemática da efemeridade do tempo 🡪 o tempo é um fator de desagregação na medida em que tudo é breve, tudo é efémero. O tempo apaga tudo.
* Supremacia da razão sobre as emoções no ato de criação poética 🡪 processo de intelectualização das emoções.
* Submissão relativamente ao ato de pensar 🡪 sente-se condenada a ser consciente, lúcido, a ter de pensar.
* Necessidade de evasão da realidade 🡪 refúgio no sonho, na música, na noite (que o permitem ascender a uma realidade onírica, a única capaz de lhe proporcionar felicidade.

**Fernando pessoa – Heterónimo**

**Alberto Caeiro**

Alberto Caeiro é considerado o mestre de Fernando pessoa e dos outros heterónimos. Em toda a sua poesia, faz-se notar uma abundante predominância de descrições da natureza.

Caeiro privilegia a atividade sensorial em detrimento da atividade reflexiva, isto é, considera as sensações primordiais para a perceção real e objetiva da realidade imediata, que é o seu principal interesse. Assim, o poeta procura ver o real objetivo, sem atribui as coisas que observa quaisquer conceitos ou sentimentos humanos – é antimetafísico. Citando versos de *O guardador de rebanhos*, o autor considera que “O Mundo não se fez para pensarmos nele/(Pensar é estar doente dos olhos) /Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo…”. Revela, assim, a sua descrença na utilidade do pensamento como meio de compreensão da natureza. Como sensacionalista, defende que o pensamento apenas falsifica o que os sentidos captam, manifestando o seu ceticismo relativamente à atividade conceptual. Propõe-se, assim, a não passar do realismo sensorial, aprendendo a negar acerrimamente o pensamento, de maneira a libertar-se de tudo o que possa perturbar a apreensão objetiva e concisa da realidade concreta.

Advogando a primazia dos sentidos, nos seus poemas, são notórios inúmeros vocábulos do campo lexical de “olhar”, através dos quais o poeta deixa entrever a valorização da sensação visual.

Caeiro dá especial relevância à natureza e o que a ela se associa, pretendendo estar sempre em conformidade e estabelecer uma relação estreita com a mesma. Assim, ao longo da sua poesia, faz-se notar uma descrição exaustiva do que ele observa enquanto deambula, num discurso em verso livre, em estilo coloquial e espontâneo (prosaísmo), de maneira a estar em concordância com o tema que aborda – a natureza (também ela natural e espontânea).

**Síntese das temáticas:**

* Principal objetivo – perceção real e objetiva da realidade imediata – através das sensações;
* Repudio do pensamento metafísico como forma de apreensão ojectiva da realidade concreta 🡪 desnuda as coisas de quaisquer significados, conceitos e sentimentos humanos, vendo-as tal como são e apreendendo-as por terem existência, forma e cor.
* Não-problematização da existência; relação pacifica e serena consigo próprio e com a vida.
* Procura estar sempre em conformidade com a natureza e estabelecer uma relação simbiótica com ela; assume-se como membro integrante da natureza;
* Primazia dos sentidos 🡪 as sensações são elementos primordiais para a apreensão objetiva e fidedigna do mundo; valorização da atividade sensorial em detrimento da atividade reflexiva e conceptual;
* Poeta sensacionalista; poeta da natureza (bucólico) e do olhar; antimetafísico.
* Condenação da arte como construção refletida e devidamente estruturada 🡪 advoga a predominância de instinto e espontaneidade no processo de elaboração poética 🡪 recusa a lucubração; a poesia é intuitiva, espontânea, e natural.
* Sublimação do real, através de uma atitude panteísta sensualista de divinização da natureza.
* Desvalorização da categoria conceptual do tempo 🡪 vivencia plena do presente, recusando o passado e o futuro como elaborações mentais que são; todos os instantes são a unidade do tempo; o tempo é feito de instantes do presente.

**Características formais:**

* Linguagem muito simples ao nível lexical;
* Articulação muito simples, com predominância da coordenação (sobretudo copulatica)
* Recurso à comparação – que ajuda, alem da sua expressividade, a operar o processo, comum a Caeiro, de conversão do abstrato em concreto;
* Uso repetido de palavras do campo lexical de olhar;
* Verso livre, em estilo coloquial e espontâneo – prosaísmo;
* Aproximação da fluidez coloquial da fala – linguagem desprovida de artifícios.

**Álvaro de Campos**

Álvaro de Campos é o poeta vanguardista e cosmopolita que, numa linguagem impetuosa, canta o mundo contemporâneo, celebra o triunfo da máquina e da civilização moderna, da força mecânica e da velocidade. Integrado no espírito do modernismo, vem implementar uma nova visão estética, apresentando a beleza dos “maquinismos em fúria”, da energia e da força, por oposição à beleza tradicionalmente concebida, que fundamenta a conceção de estética aristotélica.

A obra de Álvaro de Campos condensa três fases, que estabelecem entre si uma sequencia lógica. Em primeiro, está a **decadentista**, que exprime o tédio, o cansaço e a necessidade de novas sensações. Proveniente desta carência, segue-se a fase **futurista** e **sensacionista**, que se caracteriza pela exaltação da energia, de “todas as dinâmicas”, da velocidade e da força. Surge, aqui, como heterónimo cultor dos sentidos, pois para ele a sensação é a realidade da vida e a base da arte. A nova tecnologia na fábrica, as ruas da metrópole, e todos os elementos alusivos à industria, despoletam nele a vontade de ultrapassar os limites das próprias sensações. Ao manifestar querer “ser toda a gente em toda a parte” e “sentir tudo de todas as maneiras”, deixa entrever a sua procura incansável pela totalização de todas as possibilidades sensoriais e afetivas da humanidade, independentemente do espaço, tempo ou circunstancias. A Ode Triunfal e a Ode Marítima são obras exemplificativas desta necessidade de unificação das sensações. É também nestas obras que Álvaro de Campos deixa entrever o seu desejo excêntrico e radical, que assenta na fusão e total identificação com a civilização industrial (“Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!/ Ser completo como uma máquina!”).

Sentindo-se impossibilitado de atingir o desejo de unificação que projeta na máquina, e depois de constatar a impossibilidade do excesso de sensações, Álvaro de Campos cai no desânimo e na frustração (“Ah, não ser eu toda a gente em toda a parte!”). Face à incapacidade das realizações, o heterónimo deixa-se envolver pela apatia, abolia, angustia e deceção, bem como pelo tédio existencial, pelo enfado e pelo cansaço psíquico, que constituem a fase **intimista**, caracterizada primordialmente pela introspeção e pela atividade reflexiva.

Nela está também patente a nostalgia da infância – um tema comum a Fernando Pessoa (ortónimo). A infância é considerada uma fase da vida marcada pelo prazer de viver e pela despreocupação face ao futuro, sentimentos que proporcionam a plenitude existencial. Recordando esse tempo, Álvaro de Campos diz que “tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma (...) E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim”, citações que remetem para a alusão à inconsciência e ingenuidade das crianças como fatores propiciadores da felicidade, bem como a ausência de ambições e obstáculos a enfrentar. Em síntese, o tempo da infância caracteriza-se pelo prazer de sentir e agir livremente, pela espontaneidade, pela ligeireza e despreocupação e pela inocência, face ao desconhecimento das agruras da vida. O sujeito poético aborda a temática do saudosismo desta fase da sua vida com lamentação e tristeza, pois recorda-a como tempo de harmonia existencial que ficou confinada à infância, cuja racionalidade e a lucidez fizeram perder.

Alem disso, também a relação contrastante entre o “eu” e “os outros” é uma temática comum a Álvaro de Campos e ao ortónimo. O heterónimo estabelece uma oposição entre ele e os outros, delineada pelo facto de estes se integrarem harmoniosamente no espaço físico e social em que se inserem, enquanto que o poeta se sente distanciado da sociedade. Assim, nas suas composições poéticas, é feita alusão à felicidade alheia, que não deixa de ser a comprovação de que é incapaz de a viver no seu íntimo. Uma vez sentindo-se desajustado de si próprio e da vida, Campos projeta nos outros os sentimentos positivos de que carece, isto é, tem a necessidade de perspetivar uma realidade ideada, como contraponto ao vazio existencial que o habita. Por outro lado, a felicidade que atribui aos “outros”, propiciam no sujeito poético a mágoa de não ser como eles (“São Felizes, porque não são eu). Em síntese, Álvaro de Campos, ao reconhecer que o sentimento de felicidade lhe esta interdito, apercebe-se de que a única maneira de a experienciar passa por ascender a um cenário idílico, onde figuram outros atores que não ele.

**Características Formais:**

* Versos Livres;
* Estrofes longas;
* Liberdade rimática;
* Desigualdade de versos por estrofe;
* Estilo torrencial e excessivo;
* Discurso caótico;
* Linguagem marcada pelo tom excessivo e intenso: exclamações, apóstrofes, enumerações, adjetivação abundante, anáforas, interjeições, onomatopeias, aliterações.

**Ricardo Reis**

**Epicurismo e Estoicismo**

Ricardo Reis, heterónimo de Fernando Pessoa, é o poeta clássico, da serenidade epicurista, que aceita, com calma lucidez, a relatividade e a fugacidade de todas as coisas. “Vem sentar-te comigo Lídia, à beira do rio”, “Prefiro rosas, meu amor, à pátria” ou “Segue o teu destino” são poemas que nos mostram que este discípulo de Caeiro aceita a antiga crença nos deuses, enquanto disciplinadora das nossas emoções e sentimentos, mas defende, sobretudo, a busca de uma felicidade relativa alcançada pela indiferença à perturbação.

A filosofia de Ricardo Reis é a de um **epicurismo** triste, pois defende o prazer do momento, o ideal “carpe diem”\*, como caminho da felicidade, mas sem ceder aos impulsos dos instintos (estoicismo). Apesar deste prazer que procura e da felicidade que deseja alcançar, considera que nunca se consegue a verdadeira calma e tranquilidade – ataraxia. Considera que a verdadeira sabedoria de vida é viver de forma equilibrada e serena, “sem desassossegos grandes”.

Ricardo Reis é considerado um estoico epicurista, na medida em que advoga o domínio das paixões e a renúncia dos impulsos dos instintos, como regras de vida propiciadoras da felicidade. Há que nos contentarmos com o que o destino nos trouxe. Há que viver com moderação, sem nos apegarmos às coisas, e por isso as paixões devem ser comedidas, para que a hora da morte não seja demasiado dolorosa. O ideal ético do **estoicismo** é a apatia (ausência de paixões), fundamentado na citação “Sustine et abestine” (“suporta e abstem-te”).

À semelhança de Caeiro, ha na sua poesia a *áurea mediocritas,* um ideal ético que radica na doutrina filosófica do estoicismo, na qual é advogada a busca do prazer mediano, que propicia a felicidade. É valorizado o sossego do meio rural e a fruição dos estados da natureza.

**\*Carpe-diem** 🡪Ideal que considera que a sabedoria consiste em saber-se aproveitar o presente, fruindo de cada instante como se fosse o último, em virtude da consciência brevidade da vida.

**O neopaganismo**

Ricardo Reis, que adquiriu a lição do paganismo espontâneo de Caeiro, cultiva um **neoclassicismo neopagão** (crê nos deuses e nas presenças quase divinas que habitam todas as coisas), recorrendo à mitologia greco-latina, e considera a brevidade, a fugacidade e a transitoriedade da vida, pois sabe que o tempo passa e tudo é efémero. Daí fazer a apologia do destino como força inelutável e soberana, isto é, aceita o destino com naturalidade e conformismo. Considera que os deuses estão acima do homem por uma questão de grau, mas que nem estes se conseguem sobrepor ao fado.

Pagão por caráter, que resulta da acumulação de experiencias e da sua formação helénica e latina, Ricardo Reis inspira-se nas doutrinas epicuristas de Horácio (poeta latino).

**O Classicismo**

A precisão verbal e o recurso à mitologia, associados aos princípios da moral e da estética epicuristas e estoicas ou à tranquila resignação ao destino, são marcas do classicismo erudito de Reis. Poeta clássico da serenidade, Ricardo Reis privilegia a ode, o epigrama e a elegia. A frase concisa e a sintaxe clássica latina, frequentemente com a inversão da ordem lógica (hipérbatos), favorecem o ritmo das suas ideias lúcidas e disciplinadas.

Ricardo Reis, imitando os gregos da antiguidade clássica e o poeta latino Horácio, dá-nos uma filosofia assente na reflexão sobre a efemeridade e o destino que é imposto aos homens e aos deuses. Para conseguir superar a angustia causada pelo Fado e pela certeza da morte, procura viver de acordo com a lição de sabedoria e lucidez dos antigos, que consiste na conformação com o destino segundo um ideal ético de ataraxia.

Influenciado pelo Mestre Caeiro, constrói uma filosofia de contemplação e placidez, que lhe permite ver o fluir do tempo, o liberta de comprometimentos excessivos e lhe permite ter a sensação de ser dono do seu próprio destino.

O **niilismo total** demonstrado na obra de Reis é também uma marca acentuadamente clássica, através da qual deixa entrever a sua descrença no valor do agir, na inutilidade de quaisquer esforços, bem como a fé na morte e no fado como únicas certezas inelutáveis.

**Síntese das temáticas:**

* Poeta Intelectual, sabe contemplar: ver intelectualmente a realidade;
* Aceita a relatividade e a fugacidade das coisas;
* Verdadeira sabedoria da vida é viver de forma equilibrada e serena;
* Características modernas no poeta: angústia e tristeza;
* Adesão ao momento presente.
* ”Epicurista triste”- (*Carpe Diem*)- busca do prazer moderado e da ataraxia;
* Recusa de sentimentos excessivos;
* Estoicismo – aceitação calma e serena da ordem das coisas;
* Moralista – pretende levar os outros a adotar a sua filosofia de vida; poemas de caráter exortativo;
* Intelectualização as emoções;
* Temática da miséria da condição humana do FATUM (destino), da velhice, da irreversibilidade da morte e da efemeridade da vida, do tempo;
* Espírito grave , ansioso de perfeição;
* Aceitação do Fado, da ordem natural das coisas;
* Procura de uma vida imperturbada e da quietude.

**Características formais:**

* Submissão da expressão ao conteúdo: a uma ideia perfeita corresponde uma expressão perfeita;
* Estrofes regulares de verso decassílabo alternadas ou não com hexassílabo;
* Verso branco;
* Irregularidade métrica;
* Recurso frequente à assonância, à rima interior e à aliteração;
* Predomínio da subordinação;
* Uso frequente do hipérbato;
* Uso frequente do gerúndio e do imperativo;
* Uso de latinismos;
* Metáforas, eufemismos, comparações, perífrases;
* Estilo construído com muito rigor e muito denso;
* Classicismo erudito:
* precisão verbal
* recurso à mitologia (crença e culto aos deuses)
* princípios de moral e da estética epicurista e estoica
* tranquila resignação ao destino
* Linguagem erudita alatinada, quer no vocabulário (latinismos), quer na construção de frase (hipérbato);
* Preferência pela Ode de estilo Horácio;
* Importância dada ao ritmo;
* Privilegia a ode, o epigrama e a elegia;
* Usa a inversão da ordem lógica – hipérbato –, favorecendo o ritmo das suas ideias disciplinadas;
* Estilo densamente trabalhado, de sintaxe alatinada, hipérbatos, apóstrofes, metáforas, comparações, gerúndio e imperativo.